

I

O GOSTO PELO INFINITO

Os que sabem observar-se a si mesmos e guardam a lembrança de suas impressões, os que souberam, como Hoffmann, construir seu barômetro espiritual, puderam por vezes notar, no observatório de seu pensamento, belas estações, dias felizes, minutos deliciosos. São dias em que o homem se levanta com um gênio jovial e vigoroso. Com suas pálpebras livres do sono que as selava, o mundo exterior se oferece a ele com um relevo bem marcado, uma nitidez de contornos, uma riqueza de cores admiráveis. O mundo moral abre suas vastas perspectivas, cheias de novas clari-dades. O homem agradecido por esta beatitude, infelizmente rara e passageira, sente-se ao mesmo tempo mais artista e mais justo, mais nobre, para dizer tudo em uma só palavra. Mas o que há de mais extraordinário neste estado excepcional do espírito e dos sentidos, que posso sem exageros chamar de paradisíaco, se o comparo às pesadas trevas da existência comum e cotidiana, é que ele não foi criado por nenhuma causa visível e fácil de ser definida. Seria o resultado de uma boa higiene e de um regime sensato? Esta é a primeira explicação que se oferece ao espírito, mas somos obrigados a reconhecer que constantemente

esta maravilha, esta espécie de prodígio, produz-se como se fosse o efeito de uma força superior e invisível, exterior ao homem, após um período em que este abusou de suas faculdades físicas. Diremos que é a recompensa pela prece assídua e pelos ardores espirituais? É certo que uma elevação constante do desejo, uma tensão das forças espirituais em direção ao céu, seria o regime ideal para se criar esta saúde moral, tão deslumbrante e gloriosa; mas em virtude de que lei absurda ela se manifesta após culposas orgias da imaginação, após um abuso sofisticado da razão, que são para o seu uso honesto e razoável o que as luxações são para a boa ginástica? Eis por que prefiro considerar esta condição anormal do espírito uma verdadeira graça, como um espelho mágico onde o homem é convidado a ver-se belo, isto é, tal qual deveria e poderia ser; uma espécie de exaltação angelical, um apelo à ordem, de forma cerimoniosa. Da mesma maneira, uma certa escola espiritualista, que tem representantes na Inglaterra e na América, considera os fenômenos sobrenaturais, tais como as aparições de fantasmas, as assombrações, etc., como manifestações da vontade divina, prontas para despertar no espírito humano a lembrança das realidades invisíveis.

Além disto, este estado encantador e estranho, onde se equilibram todas as forças, onde a imaginação, ainda que maravilhosamente poderosa, não leva consigo o sentido moral para aventuras perigosas, onde uma sensibilidade delicada não é mais perturbada por nervos doentes, estes freqüentes conselheiros do crime ou do desespero, este estado maravilhoso, já disse eu, não tem sintomas prenunciadores. É tão imprevisto

como um fantasma. É uma espécie de obsessão mas uma obsessão intermitente, da qual deveríamos tirar, se fôssemos sábios, a certeza de uma existência melhor e a esperança de alcançá-la pelo exercício diário de nossa vontade. Esta acuidade de pensamento, este entusiasmo dos sentidos e do espírito devem ter, em todos os tempos, aparecido ao homem como o primeiro dos bens; eis por que, considerando apenas a volúpia imediata, sem se preocupar em violar as leis de sua constituição, buscou na ciência física, na farmacêutica, nos mais grosseiros líquidos, nos perfumes mais sutis, em todos os climas e em todos os tempos, os meios de escapar, mesmo que por algumas horas, à sua morada de lobo e, como disse o autor de *Lazare*: “Tomar o paraíso de um só golpe”. Infeliz! Os vícios do homem, tão repletos de horror como supomos, contêm a prova (quando não fosse apenas a infinita expansão deles mesmos!) de seu gosto pelo infinito; acontece que é um gosto que sempre toma o caminho errado. Poderíamos entender em um sentido metafórico o provérbio vulgar: *Todo caminho leva a Roma*, e aplicá-lo ao mundo moral; tudo leva à recompensa ou ao castigo, duas formas de eternidade. O espírito humano transborda de paixões; *tem até para vender*, para servir-me de uma outra locução trivial; mas este espírito maravilhoso, cuja depravação natural é tão grande quanto sua aptidão súbita, quase paradoxal, à caridade e às virtudes mais difíceis, é fecundo em paradoxos que lhe permitem empregar para o mal esta superabundância de paixões. Não acredita jamais vender-se por atacado. Esquece, em sua fatuidade, que ele escarnece de alguém mais astuto e mais forte

que ele, e que o Espírito do Mal, mesmo quando lhe damos apenas um fio de cabelo, não demora em levar a cabeça inteira. Este senhor visível da natureza visível (falo do homem) quis, portanto, criar o paraíso pelas drogas, pelas bebidas fermentadas, semelhante a um maníaco que substituiria os móveis sólidos e os jardins verdadeiros por cenários pintados sobre tela e emoldurados. É nesta depravação do sentido do infinito que jaz, na minha opinião, a razão de todos os excessos culposos, desde a embriaguez solitária e concentrada do literato que, obrigado a procurar no ópio o alívio de uma dor física, e tendo desta forma descoberto uma fonte de prazeres mórbidos, fez disto pouco a pouco sua única higiene e como que o sol de sua vida espiritual, até a embriaguez mais repugnante dos suburbanos que, com o cérebro carregado de fogo e glória, rolam ridiculamente nos lixos da rua.

Entre as drogas mais próprias a criar o que chamo de *Ideal artificial*, se deixamos de lado os licores que levam rapidamente ao furor material e abatem a força espiritual, e os perfumes cujo uso excessivo, ao tornar a imaginação do homem mais sutil, esgota gradualmente suas forças físicas, as duas substâncias mais enérgicas, aquelas cujo emprego é mais cômodo e mais à mão, são o haxixe e o ópio. A análise dos efeitos misteriosos e dos prazeres mórbidos que estas drogas podem provocar, dos inevitáveis castigos que resultam de seu uso prolongado e, enfim, da própria imortalidade, implícita nesta perseguição de um falso ideal, constitui o objeto deste estudo.

O trabalho sobre o ópio foi feito de uma maneira a um só tempo tão brilhante, médica e poética, que

não ousaria acrescentar-lhe nada. Contentar-me-ei, portanto, em um outro estudo, em fazer uma análise deste livro incomparável, que nunca foi traduzido na França em sua totalidade. O autor, homem ilustre, de uma imaginação poderosa e aguda, hoje afastado e silencioso, ousou fazer, com uma trágica candura, o relato dos prazeres e das torturas que outrora encontrara no ópio, e a parte mais dramática de seu livro é aquela em que fala dos esforços sobre-humanos de vontade que lhe foi necessário empregar para escapar à danação a que ele imprudentemente se havia devotado.

Hoje, falarei apenas do haxixe e falarei segundo informações numerosas e minuciosas, extratos de anotações ou de confidências de homens inteligentes que se entregaram a esta droga por longo tempo. Farei apenas uma fusão destes documentos variados em uma espécie de monografia, escolhendo uma alma, por sinal fácil de explicar e definir, como tipo próprio às experiências desta natureza.